

ela significa não só para você, mas dentro da sua cultura: pureza, santidade? E ainda: qual o significado da rosa na mitologia, em outras culturas e em sistemas religiosos até desconhecidos pelo sonhador? Lembre-se de que no inconsciente estão os resíduos de toda a história humana. Certos sonhos vão além da problemática pessoal do sonhador, dizem mais respeito ao seu grupo social ou familiar.

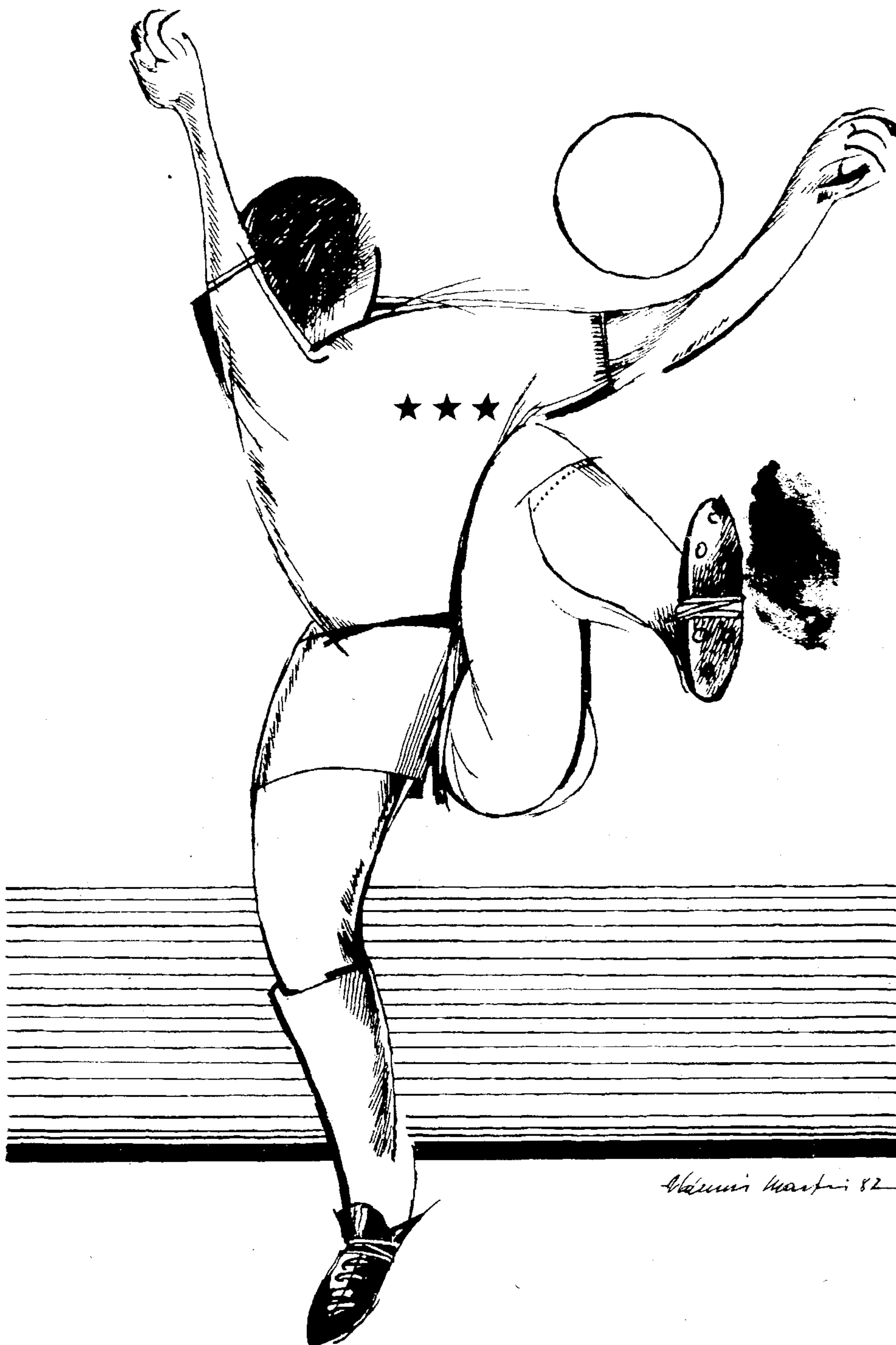
Os sonhos têm-se revelando, portanto, uma preciosa fonte de informações sobre nossa vida interior e exterior, e que não deve ser desperdiçada. Na medida em que nos põem em contato com nosso inconsciente, com nosso outro lado, tornam-se um poderoso fator de equilíbrio psicológico. Por isso merecem ser lembrados, anotados, examinados.

**Uma dificuldade:
recordar o sonho.
O que Einstein fazia.**

Uma forma de recordar um sonho é manter-se na mesma posição na cama, com olhos fechados: cada sonho é ligado a uma determinada postura física e temos uma média de cinco a seis sonhos por noite. A melhor técnica é anotar logo que acordar, mesmo que sejam fragmentos, imagens. O hábito de anotar vai proporcionar uma visão de conjunto. É pouco significativo interpretar um sonho só, desvinculado dos outros. Um símbolo é mais valioso quando observado numa sequência nítida e persistente. Você poderá ter surpresas quando reler sonhos de três, quatro meses atrás. Será capaz de entender melhor coisas que, quando sonhadas, pareciam completamente misteriosas. É possível que você até já estivesse sonhando coisas que depois vieram acontecer.

Einstein costumava deixar um caderno junto à cabeceira para anotar os sonhos. Ele dizia que os sonhos, as intuições, são indispensáveis para a compreensão total da natureza. Artistas valeram-se dos sonhos para criar. Wagner confessa que sua famosa ópera "Tristão e Izolda" foi totalmente sonhada. Sonhando, o cientista Kakulé descobriu como os átomos de carbono se reúnem para formar o anel de benzo, uma descoberta fundamental para a química moderna.

Denise Gimenez Ramos é psicóloga clínica, professora nos cursos de graduação em psicologia na PUC-São Paulo. Tem mestrado em psicologia clínica pela New School for Social Research de Nova York.



NO PAÍS DO FUTEBOL

José Silveira

É impossível ao Brasil viver sem futebol. Suas emoções estão de tal modo ajustadas à psique das multidões, que a simples idéia de exterminá-lo, fosse por sabedoria ou tédio, encheria de horror a Nação. Há toda uma "psicologia de futebol", no grito de gol e no enfarte; na dissimulação e na ostentação dos discursos esportivos; no drible, principalmente no drible, que é um momento psicológico belo e grave vivido às vezes por psicólogos semi-analfabetos como Garrincha, alegria de um povo.

O futebol é um direito consuetudinário. Conquistado nas peladas, nas ruas, com bolas de bexiga de boi, bolas de borracha, bolas de meia.

Em 1945, no Rio de Janeiro, meu inesquecível professor Hermes Lima interrompeu uma aula de Economia Política, com estas singelas palavras: "É impossível continuar. Este é um momento psicológico irremediável. Vocês estão dispensados. Levantem-se!"

Naquela noite o Brasil vencia a Argentina com uma goleada e, da rua, pelo rádio de um automóvel estacionado, a voz de Oduvaldo Cozzi penetrava na sala de aulas como um dardo cívico.

Hermes Lima detestava futebol. No dia seguinte, à porta do Café Amarelinho, onde se reuniam intelectuais, Hermes contou a história a José Lins do Rego, Álvaro Moreyra, Brito Broca, Ledo Ivo, Luiz Edmundo, Nelson Rodrigues, Carlos Lacerda e Mário Filho. Uma roda como não se faz mais. Nelson Rodrigues, antimarxista impetuoso, estourou este desaforo acadêmico: "Oh!, Liminha, só um vermelho, como você, tomaria o tempo dos alunos com o Brasil em campo!" Hermes não respondeu. Aquele era também um momento psicológico irremediável.

José Silveira, jornalista de "A Gazeta Esportiva", especializado em assuntos esportivos, tendo atuado também na crônica política. Comentarista pela TV em diversas Copas do Mundo.